

A cadência, a arte, a vida: o ritmo no trabalho de Cadu

ANALU CUNHA

PPGARTES/UERJ

PALAVRAS-CHAVE

ARTE CONTEMPORÂNEA

RITMO

CADU

RESUMO

O ensaio aborda a produção do artista Cadu em um recorte rítmico. Nascido em São Paulo e radicado no Rio de Janeiro, Cadu apresenta, em seus trabalhos, diferentes leituras do ritmo (formal, natural, geofísico, musical, social, político etc.) como estrutura da vida e do trabalho de arte.



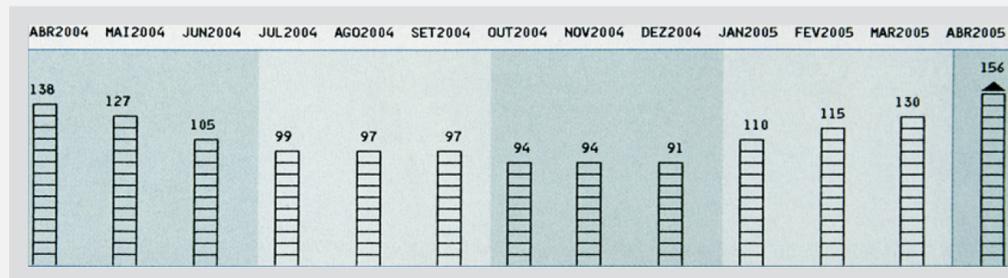
Carlos Eduardo Felix da Costa, radicado no Rio de Janeiro, nasceu em 1977 na cidade de São Paulo. Possui bacharelado em pintura, mestrado e doutorado em Linguagens Visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ. É artista plástico e professor da PUC-Rio no departamento de Artes e Design desde 2007. Dentre outras exposições, participou da 30ª Bienal de São Paulo (2012), da 13ª Bienal de Istambul (2013) e da 4ª Bienal do Fim do Mundo (2013). Na 4ª edição do Prêmio Investidor Profissional de Arte (Pipa), o artista foi contemplado com residência artística na cidade de Nova York.

Desde 2014 venho pesquisando diferentes manifestações do ritmo na arte contemporânea. No II Jisma (2017) apresentei, em *Ver, ouvir, dançar*, análise de diferentes trabalhos em videoarte, incluindo o seminal *Passagens 1* (1974), da artista Anna Bella Geiger. Desta vez, preparei uma breve e primeira aproximação da produção de Cadu, sob um recorte rítmico. Em seus trabalhos, é possível observar tanto a migração de cadências cotidianas para a estruturação e desenvolvimento das obras, quanto a frequência que estas impõem ritmos à sua vida: para seu trabalho prático de doutorado, Cadu construiu uma cabana na Região Serrana do Rio de Janeiro em que morou durante um ano desenvolvendo o projeto *Estações*, um exercício de solidão e contemplação. Segundo o artista, "Mais do que produzir objetos artísticos, o artista pode se tornar arte". Seus trabalhos trazem importantes reflexões sobre o ritmo como estrutura do trabalho de arte e, por extensão, da vida. E da vida como extensão da arte.

Em *Ampliação digital, 12 meses, 2004/2005*, por exemplo, “a conta mensal de luz fornecida pela prestadora deste serviço no Rio de Janeiro possui um gráfico de consumo. Ele demonstra em kw/h (kilo-watts hora) a quantidade de energia utilizada pelo cliente ao longo de 12 meses.”¹ Aproveitando esta estrutura, o artista manipula seu próprio consumo de energia elétrica durante um ano com o objetivo de “criar conscientemente um arco que gerasse a sensação de perspectiva.” A perspectiva, dispositivo criado no Renascimento para construir e localizar o sujeito no mundo (PANOFSKY, 1999), é atualizada naquilo que estabeleceu um corte no ritmo da vida humana – a energia elétrica – e o que norteia o compasso da existência na sociedade contemporânea: o consumo. Cabe aqui lembrar a análise de Jonathan Crary (2014) sobre a interferência das drogas sintéticas na supressão do sono e do ritmo natural do corpo. O autor observa que o sono é um período de suspensão do consumo, e o uso de drogas que induzem a

FIGURA UM

AMPLIAÇÃO DIGITAL, 12 MESES, 2004/2005
(25 X 100 CM)



¹ Todas as citações do artista estão disponíveis em: <https://www.galeriavermelho.com.br/artista/56/cadu> Acesso em: jul. 2018.

vigília permitiria o consumo non-stop no capitalismo tardio. De modo análogo, Cadu subverte o ritmo do seu corpo para produzir o desenho no gráfico. Mas, inversamente, sua performance aponta para o domínio do consumo a partir do controle da vida, como se a conta de luz, ao final de um ano, fosse a partitura de uma coreografia construída por pequenos gestos cotidianos.

Passagem de inverno, 1998-04 é o resultado, em um bloco de papel vegetal, de um mecanismo com uma lupa que registrou o percurso do sol sobre os papéis. Em *Hemisférios*, de 2014, ele retoma o procedimento:

os raios solares, potencializados pela lupa, rasgavam seu percurso sobre o bloco. Assim, cada folha de papel vegetal simboliza uma hora desse percurso, e o conjunto completo representa o testemunho gráfico da passagem de uma semana em Hornitos (Chile), tanto extensivamente como intensivamente, já que as 24 folhas de cada bloco foram queimadas de modo proporcional à temperatura e intensidade da luz de cada dia.

FIGURA DOIS

PASSAGEM DE INVERNO, 1998-04
(PAPEL VEGETAL E LUZ SOLAR)



O artista retoma, durante residência no Chile, a cadência dos dias em exílio em *Hemisférios*. As notações criam uma grande partitura que nos falam diretamente da vida, mas também de situações de confinamento, como a marcação do tempo que passa lentamente nas paredes dos presídios.

FIGURA TRÊS

HEMISFÉRIOS, 2014

PAPEL VEGETAL GRAVADO POR LUZ SOLAR (INSTALAÇÃO)



A cadência do tempo, dias, meses, estações também é explorada em *Trópico de capricórnio*, 2014: aqui Cadu usa o mesmo recurso de *Passagem de inverno e Hemisférios*, registrando, em uma caixa de areia preta, as mudanças da posição do sol durante os 18 dias ensolarados do mês anterior à primavera: "Trópico de Capricórnio e Hemisférios, apresentados juntos, articulam uma noção de temporalidade ao mesmo tempo alargada e dinâmica da indômita região do Atacama."

FIGURA QUATRO

TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO, 2014

FOTOGRAFIAS 19,3 X 32,4 CM



Migrações, 2000/2005 são registros das vibrações de diferentes deslocamentos feitos em variados meios de transporte ou realizados por transportadoras da casa do artista ao local de exposição. O artista esclarece que:

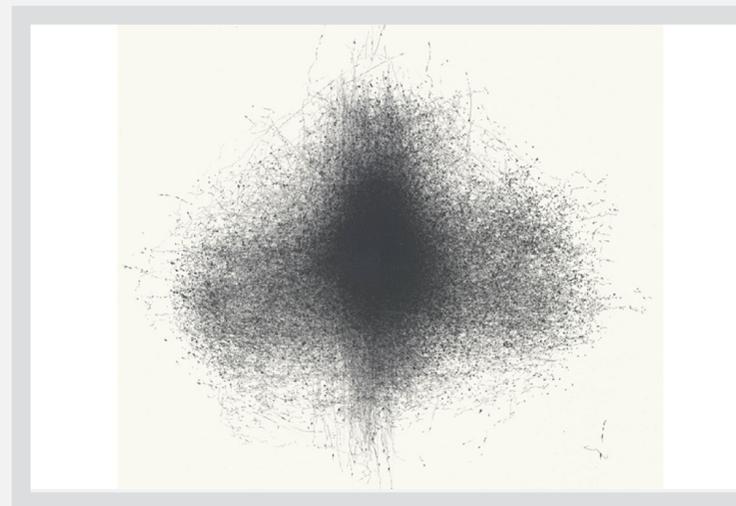
a estrutura de registro é composta por quatro molas de aproximadamente 12 cm de comprimento conectadas perpendicularmente a uma placa de metal quadrada de 33 cm de lado presas, pelos vértices, a uma base de madeira fixada, em nível, ao chão de uma caixa. Sobre elas, presa em seu teto, pende uma peça composta por uma pequena base de madeira e uma única mola, de 23 cm de comprimento, prolongada em uma de suas extremidades com um tubo oco em alumínio, que abriga, em seu interior, um lápis em grafite maciço. Esse lápis toca o centro de um papel repousado sobre a primeira estrutura. Eles são responsáveis pelo registro gráfico de todas as irregularidades de terreno e condução, que o veículo está sujeito durante qualquer deslocamento. O projeto já realizou desenhos em meios de transporte diversos como trens, aviões, triciclos de entrega e ônibus interestaduais, em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Paris e Londres.

O artista registra, com essa espécie de sismógrafo, os abalos na experiência física de uma determinada paisagem. Isso me remeteu o diretor Stan Brakhage que, adepto da câmera na mão, conta que “ao filmar pela primeira vez um cadáver, o fez com uma teleobjetiva (que geralmente é utilizada com tripé) de dentro de um carro de polícia: o ritmo do coração

FIGURA CINCO

MIGRAÇÕES, 2000/2005

GRAFITE SOBRE PAPEL - 30 X 30 CM [CADA DESENHO]



e o cansaço de seus braços definiram o enquadramento da sequência²” (RENAUD, 1999) e, portanto como o espectador a assimila. Como Brahkage, Cadu lança mão de dispositivos (no caso, criado por ele) para nos lembrar que a arte é feita com o corpo todo, o tempo todo e não se resume a um objeto acabado, suspenso na parede ou posicionado no chão de uma galeria. *Migrações* começa no momento em que o artista projeta e realiza a caixa e continua cada vez que ela se desloca. São desenhos sem mãos, por vezes sem corpo, mas com um sujeito sempre em trânsito, via trabalho, detectado por um dispositivo. Nada muito diferente do que nossos celulares fazem hoje em dia.³ Se nos detivermos um pouco mais no trabalho, é possível entrever uma reflexão muito interessante sobre o quanto o valor da arte contemporânea está submetido ao acúmulo de milhas deslocadas. No texto “O lugar errado”, A historiadora da arte corea-

na/americana Miwon Kwon discorre sobre como o Mercado interfere na construção da nossa persona produtiva, muito distante do ritmo doméstico:

quanto mais adotamos a lógica do nomadismo, poderíamos dizer, ao ser[mos] pressionados por uma economia capitalista do movimento, mais nos fazem sentir desejados, solicitados, legitimados e relevantes. Parece que o nosso próprio senso de autovalorização é baseado cada vez mais na nossa submissão às inconveniências e desestabilizações psíquicas do estar-em-trânsito, de não estar em casa (ou de não ter uma casa), de sempre estar em algum outro lugar. Quer gostemos ou não, somos recompensados culturalmente e economicamente ao agüentarmos e sobrevivermos ao lugar “errado”. Parece que estamos deslocados com demasiada frequência (KWON 2008, p. 147).

2 Citado e traduzido em CUNHA, A. *O ato de ver com os próprios olhos*. Revista Arte e Ensaio n° 29, junho 2015, p. 33.

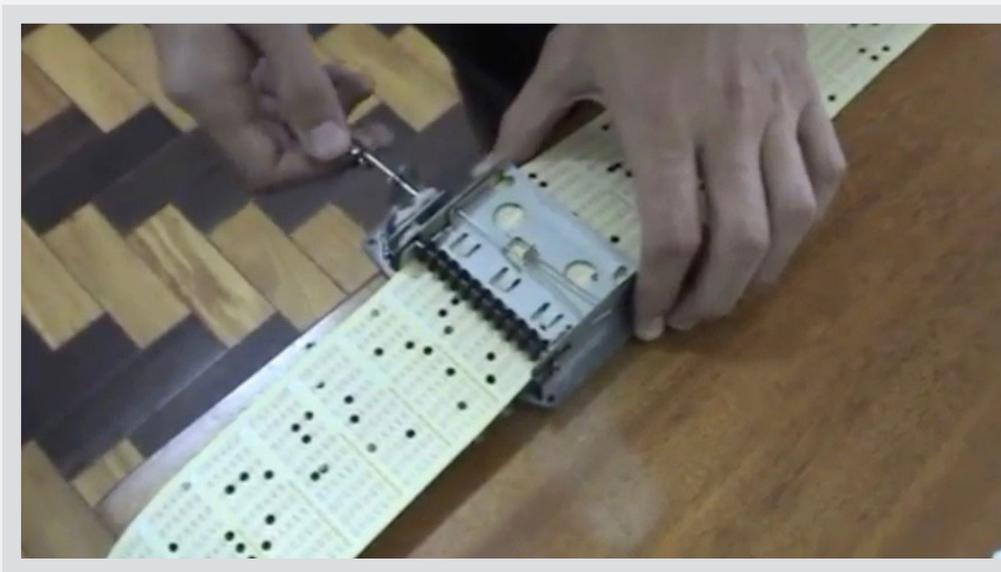
3 Em *O lugar errado* Miwon Kwon em tradução de Jorge Menina Barreto, discorre sobre o valor do trabalho no meio de arte ser cada vez mais dimensionado pelas milhas percorridas.

Como já sinalizava Roland Barthes em *Como viver junto*: “O que o poder impõe, antes de tudo, é um ritmo (de todas as coisas: de vida, de tempo, de pensamento, de discurso.” (BARTHES, 2013, p. 68). Por isso Barthes reivindica a substituição da palavra ritmo por idiorritmo, aspas “porque o ritmo tomou um sentido repressivo”, tornou-se necessário acrescentar o prefixo *ídios*, ou seja, próprio, particular. Penso que o trabalho do Cadu é uma forma de pensar sobre essas interfaces, por vezes muito sutis, entre os ritmos pessoais e os impostos.

Em *Hino dos Vencedores*, de 2008, o artista perfura os números vencedores de bilhetes lotéricos e insere os cartões numa caixinha de música à manivela, que transforma os orifícios em notas musicais. A cadência monótona da composição não traz grandes expectativas quanto a um possível hino dos perdedores e sugere que, na vida, ganhar e perder apresentem padrões rítmicos equivalentes, ainda que invertidos.

FIGURA SEIS

HINO DOS VENCEDORES, 2008
VÍDEO DIGITAL



Psicopompo é a palavra grega derivada de *psyché* (alma) e *pompós* (guia), e designa um ente físico ou espiritual cuja função é transportar um ser entre dois pontos ou entre diferentes situações de iniciação ou de transição em ritos de passagens (vida e morte, noite e dia, céu e terra etc.)". Caronte, Ariadne, Hermes, Exu ou o coelho da Alice são exemplos de um psicopompo.⁴

Psicopompo nos lembra que a vida é uma imersão em diferentes ritmos, com variadas marcações de tempo, sejam elas naturais, culturais, sociais ou políticas: nascimento, menstruação, ejaculações, sisos, gravidez, menopausa, morte. Batismos, casamentos, formatura, separações, funerais. E eleições, leis, medidas, decretos.

Precisamos prestar atenção neles. Em todos eles.

II/JS/11a

FIGURA SETE

PSICOPOMPO, 2015

VÍDEO DIGITAL



4 Segundo o *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*: "A figura que guia a alma em ocasiões de iniciação e transição: uma função tradicionalmente atribuída a Hermes no mito grego, pois ele, além de mensageiro dos deuses, era o deus que acompanhava as almas dos mortos, sendo capaz de transitar entre as polaridades.

REFERÊNCIAS

- ANSALDI, Saverio. *Pascal Michon, Rythmes, pouvoir, mondialisation*, Paris, PUF, 2005. Rythmes, pouvoir, mondialisation. Publicado inicialmente na Revista *Multitudes* N° 30, 2007, p. 219-226, com o título: *Les rythmes des multitudes. Mondialisation et nouvelles formes d'individuation*.
- BARTHES, Roland. *Como viver junto – simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. São Paulo: Martins Fontes, 2013
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: UNICAMP, 1991
- CADU (Carlos Eduardo Felix da Costa) <http://www.galeriavermelho.com.br/artista/56/cadu> Acesso em: jul. 2018.
- CRARY, Jonathan. *24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac-Naify, 2014.
- CUNHA, Analu. *O ato de ver com os próprios olhos*. Arte e Ensaios, Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais / EBA / UFRJ ano XXI | n. 29 | junho 2015
- _____. *Compasso binário (não)*. In: NOBREGA, C.A; SCOVINO, F.. (Org.). *Outros começos: pós* Cadernos 01. 1ed. Rio de Janeiro: Circuito, 2016, v. 1, p. 11-31.
- EISENSTEIN, Sergei. *Métodos de montagem in A forma do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FIXOT, Anne-Marie. *Le don est un rythme... À la rencontre de Marcel Mauss et d'Henri Lefebvre*, Revue du MAUSS 2010/2 (n° 36), p. 271-279. DOI 10.3917/rdm.036.0271. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-du-mauss-2010-2-page-271.htm> . Acesso em: jul. 2016.
- GHYKA, Matila. *Essai sur le rythme*. Paris: Gallimard, 1938.
- KWON, Miwon. *O lugar errado*. Revista Urbânia 3. São Paulo: Editora Pressa, 2008. pp 147- 158
- MICHON, Pascal. *Notes pour une rythmologie politique. Rhuthmos*, 3 avril 2012. Disponível em: Rhuthmos <http://rhuthmos.eu/spip.php?article534> . Acesso em: jul. 2016.
- _____. *Rythmes, pouvoir, mondialisation*, Paris, PUF, 2005.
- PANOFSKY, Erwin. *A Perspectiva como forma simbólica*. Lisboa: Editora 70, 1999.